INTRODUÇÃO

Trajетórias de pesquisadoras indígenas entre a margem da cidadania e o reconhecimento acadêmico

Priscila Faulhaber¹

Apresentam-se neste livro dez depoimentos de líderes indígenas brasileiras que cursaram universidade e pós-graduação no Brasil, tendo algumas delas formação complementar em outros países. Como testemunhos, estabelecem reflexões sobre suas práticas como indígenas que chegaram à universidade, embora muitas vezes tenham ficado às margens do campo acadêmico, sem deixar, contudo, de estar vinculadas a seu meio e seus contextos de procedência. Estes materiais são relevantes, quando se considera a histórica violência envolvendo os povos indígenas em geral e as mulheres em particular.

A amostra inicial, com três estudantes do PPGAS da UFAM, ampliou-se com indicações de outras estudantes por colegas que as conheceram em condições semelhantes, como ensino, atividades de pesquisa, elaboração de projetos e avaliações acadêmicas. Entrei em contato com cerca de trinta pessoas, apenas um terço enviou seu texto. Para a edição do livro final, recebemos também o texto de Vanessa Watanabe, sobre a história e a herança patrimonial Rapanui (na chamada Ilha de Páscoa), que se incorpora como contraponto, tocando problemas que não se circunscrevem ao solo nacional, mas a ele correlatos.

Com a intenção de aprofundar o diálogo com essas estudantes, elaborei um roteiro - incluído ao fim deste livro - de caráter qualitativo esquematizando pontos importantes para o entendimento

de sua condição de mulher. Este esquema inicial, além de indagar dados biográficos sobre a proveniência étnica e familiar, bem como a trajetória pessoal, estudantil e profissional, formulou questões voltadas ao esclarecimento da visão delas sobre legislação indigenista, especificamente com relação à tutela. Daí derivaram-se indagações sobre como elas situam nesta política os problemas de cultura, autoria e patrimônio.

Apresentei o roteiro apenas como sugestão, destacando que cada autora teria toda a liberdade de tocar nos pontos que lhes aprouvessem, sem necessidade de seguir rigidamente qualquer estrutura prévia. Os subtítulos dos depoimentos devem ser vistos como destaques para leitura, sem que necessariamente todas as autoras tenham incorporado os tópicos sugeridos.

Devido à divisão de trabalho que historicamente tem relegado a mulher ao trabalho doméstico, os homens indígenas, em geral, tiveram maior inserção nas sociedades nacionais. Apesar disso, hoje muitas mulheres desempenham papéis na educação escolar (bilíngue ou não), no sistema de saúde, como agentes de apoio, atuação na FUNAI, organizações indigenistas alternativas ou como profissionais especializadas em outras áreas. As funções de professora, de enfermeira ou de secretária são bastante recorrentes, embora possam exercer outras ocupações qualificadas, bem como as de dirigentes em áreas administrativas ou políticas.

A maioria optou por apresentar o depoimento de forma escrita. Todavia, algumas preferiram marcar entrevistas para conversar sobre assuntos que envolviam emoções, tabus, que consideravam mais difícil colocar no papel. O depoimento pessoal muitas vezes é feito em tom de cumplicidade, e nem tudo pode ser registrado verbalmente. Caberá ao leitor deduzir, elucidar e reelaborar os implícitos, o que cabe nas entrelinhas.

¹ Pesquisadora da Coordenação de História da Ciência do MAST, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq(1D). Professora do PPG-PMUS (UNIRIO MAST) e do PPGAS (UFAM).